

Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE A CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 15200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 15500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.)

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

2.º ANNO

PUBLICA-SE AS SEXTAS FEIRAS

NUMERO 136

Surs. redactores da «Nação»

A carta com que o Senhor Dom Miguel acaba de honrar-me, reputou a d'um interesse tal, que escrupuloso em limitar o seu conhecimento aos meus companheiros de viagem e por isso peço-vos que a publicais no jornal «A Nação», órgão official do partido legitimista.

De vv.

S/C 15 d'Outubro de 1873.

Antonio de Carvalho Daun e Lorena.

Meu caro Conde da Redinha

A prova de dedicação, que o Conde e seus companheiros me deram, vindo de tão longe — do nosso bello Portugal — até aqui, á terra do exilio, para assistir ás nupcias de minha presada irmã, a Infanta Dona Maria Thereza, com o Archibispo Carlos Luiz d'Austria, encheu o meu coração de tão viva e jubilosa gratidão, que não posso deixar de lhes exprimir o meu reconhecimento.

A consolação, que me causaram os felizes consorcios de minhas queridas irmãs, não seria completa, se n'estas jubilosas occasiões eu me não visse cercado por alguns d'aquelles, que na tristeza e na alegria costumam fazer-nos a mim e á minha familia, tão fiel e constante companhia. Aceitem pois hoje por esta fórma, aquelle obrigado, que tanto do fundo d'alma lhes dão, e no qual eu quereria poder abrançar tudo quanto sinto, á vista, não só d'esta nova prova de dedicado affeição, senão ainda d'aquella longa e não interrompida cadeia de sacrificios generosos e sublimes, d'actos de heroica abnegação e de rasgos de tão inabalavel consistencia, como na historia poucos exemplos se encontram.

E' esta cadeia, que, além do amor patrio, tanto me prece de ao nosso Portugal e cada vez mais me liga ao meu dever para com uma nação, a quem tanto devo. Sei que não ha senão um meio de mostrar a minha gratidão e é: Corresponder ao amor que me testemunham, aos sacrificios que por mim fazem, á esperança que em mim depositam. E assim o prometto com a graça de Deus.

Meu coração pertence a Portugal e aos portuguezes: amo com vivo e gratissimo amor aquelles que sempre nos teem sido pais e por nós soffrem e se sacrificam; amo também, como filhos da mesma terra, os que por diferentes motivos seem outra bandeira; não conheço odios, e todo o portuguez leal e honrado deve estar seguro de encontrar em mim um amigo e protector. Fiel á ultima recomendação de meu Pae, de saudosa memoria: «Não tires os direitos á Nação, nem cedas dos teus,» soffrerei todas as privações, farei todos os sacrificios, mas

nunca atraçoarei os meus direitos ou os da Nação, nem consentirei que se falte aos deveres que d'esses direitos emanam.

Enfim e sobretudo, farei quanto em mim coobrar para corresponder á esperança da Nação Fidelissima—mostrando-me sempre Filho Fidelissimo da Nossa Santa Igreja Catholica Apostolica Romana, em cujos dogmas creio, e cujas leis me submetto, e em cujo Pontifice venero o Vigario de Jesus Christo na terra—e dedicando a minha existencia á felicidade de Portugal.

E n'este intuito considerarei como os melhores dias da minha vida aquelles em que eu poder concorrer para a restauração do nosso Santo e Venerando Papa Pio IX e ser o instrumento da reconciliação e felicidade da familia portugueza.

Peço-lhe, meu caro Conde da Redinha, fazer chegar a expressão d'estes meus sentimentos aos vossos amigos e rogo a Deus haja o Conde em Sua Santa Guarda.

Bronnbach, 15 de Agosto de 1873.

Dom Miguel de Bragança.

¿ Quem ha de salvar-nos, o liberalismo ou o Christianismo?

Qual abutre, rompendo as entranhas a Prometheu, qual roda atormentadora de Ixion, qual Tantalos devorado pela sede no meio do oceano, assim a sociedade actual a quem o liberalismo carcomiu os alicerces, derribou os pedestaes de gloria e deixou ebrios de prazeres e louvores, roubando-lhe tudo até o nome que ella devia occupar na historia da civilisação.

Sentado no tribunal da razão, como se fóra juiz infallivel, chama ante si o passado e julga-o á luz d'uma philosophia descrente, ao reflexo d'um sentimentalismo immoral e grave-lhe na frente o ferrete da ignominia; no rosto lança-lhe a nodoa aviltante do retrocesso, aos pulsos as correntes d'uma escravidão sem nome, aos pés as gramalheiras d'um castigo merecido.

¿ Quem é esse Deus, pergunta elle, diante do qual vos prostrastes reverentes até á abjeção, sacrificastes as mais nobres aspirações do espirito humano, e fumaste o incenso só devido aos genios illustres que brilhavam, como pharol esplendido, no meio dos seres da especie humana?

O passado ou antes os seculos, erguendo-se como um só homem do pó dos tumulos, e retomando a voz da historia respondeu: é o Deus do Calvario que te vê, te escuta e te julgará; é o Deus da Cruz que renovou a face do mundo e fundára a civilisação que vós admiraes e impropriamente chamaes vossa.

Deus, é um simples nome, torna elle, Deus é um mal; é um velho monarcha destronado.

Calla-te ó impio; ¿ não vês que o mundo não póde ser obra do acaso? que o unico freio ás paixões humanas é a religião e esta é impossivel sem a Divindade; que a sociedade não póde governar-se sem leis e estas derivam sua força moral da saneção, como esta não tem força senão nas ideias do direito e justiça?

Mas a sociedade, volta o liberalismo, é um navio sem piloto que voga á mercê dos ventos da ambição e sujeito ás leis do acaso. Não é, responde bem alto a consciencia de todos os povos; não é, brada a razão que se esteia nos principios eternos da verdade e do bem; não é, gritam as gerações que passam illuminadas pelo sol do raciocinio christão.

¿ Como hade ser salva a sociedade que tem entranhadas em si as doutrinas d'um tal systema? ¿ Como hade progredir o mundo á voz d'uma philosophia descrente e immoral? ¿ Como hade a Europa gosar a paz e a felicidade dos tempos que lá vão se ella se affastou das bases do christianismo?

¿ Quem ha de salvar-nos, o liberalismo que mata, ou o christianismo que vivifica? Respondam por nós a razão e a historia.

A Galliza é Carlista.

Caro redactor.

Ha bem pouco tempo, que percorri alguns sitios da provincia visinha; e realmente tenho saudades d'esse passeio!

A Galliza é uma provincia digna das compiacencias de toda a nação Hispanhola. Aquelle bom povo não tem outras ideias que não sejam as vistas em D. Carlos como chefe absoluto d'aquella nação Hispanhola. A Galliza não partilha d'outros sentimentos, que não sejam os agros suspiros por um legitimo filho, que póde e hade quebrar os duros grilhões, que lhe estão roxeando os pulsos.

Não é no exterior, que as familias principaes suspiram por Carlos de Bourbon: não. Porque a sua liberdade, no que diz respeito ao externo, é quasi extincta pela força bruta do liberalismo, ou melhor ainda, do despotismo! Mas no intimo de seus corações, no fundo de suas almas só vive D. Carlos: e é só a elle que todos eleiram suas vistas, como que para um horizonte sem nuvens, e para uma estrella que lhes sorri no futuro, e lhes alenta a fagueira esperança de mais bem fadada sorte.

E' certo que na Galliza se tem gozado uma tranquillidade mais duradoira e mais apreciavel, do que em outras provincias de Hispanha; mas não é isso devido (como dizem) ao assenso despotico dos corações pervertidos, e dimanado naturalmente de almas mal formadas, que tendem á aniquillação de toda a Hispanha!

E' Deus que attende aos puros affectos

de filhos, que não são espurios, e que prezam ver o throno de S. Fernando occupado pelo seu legitimo soberano, pelo seu herdeiro legitimo, e pelo seu predilecto filho, para quem está reservado trazer á Hispanha os serenos dias d'outras epochas, por quem suspira o pobre o rico e o nobre...

D. Carlos é o suspiro unanime de toda a Galliza.

Póde ler-se o rosto de todos, e ouvir-se a cada individuo de per si, nada mais se vê nem ouve, que não sejam fervorosos dezejos por seu legitimo rei, e ferventes supplicas ao Senhor dos poderes, para que D. Carlos se assente no meio de Hispanha cheio de vida, e coberto de louros, como pharol rutilante, que hade guiar os perigosos passos d'um povo, que vae encaminhado ao horrivel naufragio no procelloso mar do desgoverno e da discordia!

A Galliza, ainda assim, está escravizada!... E o poder actual, embora lhe attenuem algumas forças, e lhas não deixe desinvolver, tem de ver mais tarde surgir radiante o dezejado effeito de sua vontade e de seus injustos soffrimentos. Ham de ver então os renegados hispanhoes que este povo não é escravo, enquanto que o despotismo o mais degraado, lhe dá por liberdade tão sómente o ar livre da respiração, e o ardente pulsar de seus corações pela causa da sua patria.

E' bello ver correrem espontaneas as lagrimas pelo rosto d'aquelles mancebos; e é sublime a poesia que encerra o pranto d'aquellas donzellas, quando se falla em D. Carlos.

E' porque D. Carlos vive no coração de todos; é porque D. Carlos, e só elle, póde fazer a felicidade do cidadão, e da mãe. Do cidadão, porque o medirá com o cajado da verdadeira justiça, e não com a vara do despotismo com que se está esmagando a coróa do merecimento! Da mãe porque hade chamar-lhe o filho para defeza de sua propriedade, e não (como hoje se vê!) para esbanjador desabrido do que lhe não pertence, e d'aquillo que conquistou ao commando da iniqua trombeta da desordem!

A esperança de todos, é que o jugo que ora peza sobre sua cerviz e que com triplicado bronze faz vergar ao pezo ao liberdade que não gozam, tem muito breve de ser espedaçado, para que de seus estragos cresçam bem medradas as palmas e louros da victoria, á sombra das quaes se hão de ouvir os saudosos hymnos da paz.

A esperança de todos, é que na valla dos esperanças, onde encobertos jazem os ossos dos que morreram e morrem pela legitimidade, tem de surgir uma flor bem medrada, e que hade ser distinctivo nos tempos futuros da indelevel saudade, que hade nascer no coração dos que gozarem a liberdade da paz, predilecta filha dos esforços e do sangue de seus irmãos, com que regaram o jardim da justiça.

A esperança de todos, é que a tyrannia tem ante si o sepulchro, como futuro necessario de principios desvaierados, onde o olvido hade encobrir os restos de filhos degenerados, e que nunca mais relebrarão no peito de quem os fez e viu morrer pela causa da ruina e destruição da patria!

A esperança e fé de todos, em fim, é; que dias mais bellos e serenos estão a surgir, e já se almejam ao longe por entre as cerradas escuridões da anarchia actual. Debaixo de seus tectos já se sauda o dia do resurgimento.

E é com a esperança d'este dia que na Galliza se estanca o pranto amargo, se esquecem as horas de provação, porque actualmente está passando este bom povo! Pranto nascido do fundo da alma, porque vêem a patria em perigo, e são injustamente opprimidos, sem poderem levantar a cerviz por causa do pezo despotico do actual poder!

E' com esta esperança que o povo ainda solemnisa os dias consagrados á santa religião, e festeja com esplendido culto as imagens de suas Igrejas.

Eisaqui, caro redactor, e condiscipulo amigo, o que pude auferir de proveito, para o jornal a que me dirijo, e que tens a honra de redigir; isto d'um pitoresco passeio que fiz pela Galliza n'um dia de graciosos festejos (em Santa Cristina).

Apreciou os sentimentos d'aquelle povo, e quiz fazel-os publicos; e tu, amigo, assentirás aos meus dezejos; e com isto fazes recordar ao teu condiscipulo, e aos amigos que o acompanharam no passeio, um dia de saudosa memoria e gratas sensações! Assim te pede o

Teu condiscipulo e amigo collega de particular intimidade

Melgaço, 10 de setembro de 1873.

R. Monteiro.

A' redacção do « Bem Publico ».

Londres, 20 de setembro de 1873.

Em 1821 ou 22, appareceu em Lisboa um folheto, um pouco volumoso, cujo titulo exactamente me não lembra, mas o nome de seu auctor era Faustino José da Madre de Deus. Li o dito opusculo então com os olhos e reflexão juvenis de minha idade, e não deixou de fazer-me impressão seu conteúdo, com quanto n'esse tempo, e na ignorancia com que eu, como quasi toda a gente, estava das verdadeiras tendencias da revolução «liberal» ou «libertina», apenas achasse exquistas e extraordinarias as asserções do snr. Faustino José.

Essas asserções quanto posso imperfeitamente lembrar-me d'ellas depois de

o loureiro ahi caracterise as virtudes dos guerreiros; a oliveira as dos negociantes, emfim que as pedras gravadas de inscripções em louvor de todos aquelles, que teem bem merecido ser homens, sejam assombreados d'alfeneiros, de thyas, de buxos, de zimbro, de matas violentas, de azevinhos com sementes sombrias, de madesilvas adorerias e de magestosos pinheiros. Possa eu passar um dia n'este Elyseo, esclarecido pelos raios da aurora, ou pelos fogos do pôr do sol ou pelos pallidos reflexos da lua e consagrar todo o tempo pelas cinzas dos homens virtuosos. Possa eu mesmo ser digno de ter ahi um dia a minha sepultura, cercada da de meus filhos, tendo apenas por tecto uma telha, coberta de musgo.

E' por estas decorações vegetaes que nações inteiras teem tornado os tumulos de seus antepassados tão respeitaveis á posteridade. No jardim da morte e da vida, do tempo e da eternidade se formaram um dia os philosophos sensiveis: Confucio, Fenelon, Addison, Jung.

Lá se desvanecerão as vãs illusões do mundo pelo espectáculo de tantos homens, que a morte lançou por terra; lá renascerão as esperanças d'uma melhor vida pela lembrança de virtudes.

tos. Estas arvores parecem como abençoadas e deplorantes d'algum infortunio; tal é acacarina do sul, que os naturaes com grande cuidado de plantar ao pé do tumulo de seus antepassados.

Em o nosso paiz temos o chorão ou o salgueiro de Babylonia: era de seus ramos, que os hebreus captivos suspendiam as suas lyras. O nosso salgueiro commum quando não é aparado deixa prender tam bem a extremidade de seus braços e toma então um caracter melancolico. Sakspeare sentiu-o e expremiu-o bem na causão do salgueiro, que põe na boca de Desdemona, prestes a terminar os seus desgraçados dias.

Ha também outros generos d'arvores com formas de longa cabelleira: taes são certa figueira da Ilha de França, da qual os fructos se arrastam pelo chão, certos freixos e os vidoeiros do Norte.

O segundo genero d'arvores funebres encerra aquellas, que se elevam em forma obliqua, ou pyramidal. Se as arvores á cabelleira parecem levar nossas dores para a terra, estas parecem dirigir com seus ramos as nossas esperanças para o céu: taes são, entre outras, os cyprestes das montanhas, o choupo d'Italia e os pinheiros do Norte.

O cypreste com sua folhagem fluctuante e torneada em espiral semelha-se a uma roca, carregada de lá, tal como

tas a imaginam entre as mãos das Parcas, fiando os nossos destinos. Os choupos de Italia não são outra coisa, segundo o engenhoso Ovidio, do que as irmãs de Phaeonte, que deploram a sorte de seu irmão, erguendo os braços para os céos. Em quanto ao pinheiro eu não conheço nada mais proprio para decorar os tumulos: é um uso, praticado frequentemente pelos chinezes e Japonezes. Contemplavam-n'o como um symbolo da immortalidade.

Com effeito o seu odor aromatico, sua verdura sombria e perpetua, sua forma pyramidal, que parece fugir por entre as nuvens e um não sei que de gemente, que os seus ramos fazem ouvir, quando os ventos os agitam, parecem feitos para acompanhar magnificamente um mensuléo e para entreter em nós o sentimento da nossa immortalidade.

Plantemos pois estas arvores, cheias de expressões melancolias sobre a sepultura dos nossos amos da natureza e um os caracteres de uma escola de moral. E' lá que os vultros, dos ricos e dos pobres, reduzidos ao pó, desapparecem e das paixões humanas: O orgulho, a cubicia, a avareza e a inveja. E lá que se despertam os sentimentos mais dozes da humanidade com a lembrança dos filhos, dos esposos, dos paes, dos amigos.

É sobre os seus tumulos, que os povos os mais selvagens vinham trazer comidas e que os povos do Oriente distribuam os viveres aos desgraçados. Plantemos ahi pelo menos vegetaes, que nos conservem estas memorias. Algumas vezes levantamos urnas, e estatuas mas o tempo destroe bem depressa os monumentos da arte, em quanto que elle fortifica cada anno os da natureza.

Os velhos teixos de nossos cemiterios teem mais d'uma vez sobrevivido as egrejas, que elles virm a edificar. Assombremos os da patria dos vegetaes, que caracterisam as diversas tribus dos cidadãos que ahi pousam; que se vejam crescer as covas de suas familias os que teem feito viver durante a sua vida, o vime dos vimieiros, o carvalho dos carpinteiros, a cepa dos vinhateiros; plantemos ahi sobre tudo vegetaes sempre verdes, que tragam á lembrança virtudes immortaes, mais uteis ainda á patria, do que as artes mecanicas e os talentos; que as pallidas violetas e as doces primaveras floresçam cada primavera sobre as sepulturas dos filhos, que teem amado seus paes, que a congossa de Jean Jacques, mais cara aos amantes, do que o mysto amoroso, estenda as suas flores azuladas sobre o tumulo da belleza sempre fiel; que a era abraçe o cypreste sobre o tumulo do esposo, unido até á morte; que

FOLHETIM

AS ARVORES E AS PLANTAS FUNERARIAS

POR

J. H. B. de Saint Pierre

traducção

DE

M. ROQUE TAVARES

A natureza plantou em todos os logares do globo vegetaes proprios para alentar com os seus perfumes o mephitismo do ar, e para servir de decoração aos tumulos por suas formas melancolicas e religiosas. Entre as plantas se deleita em crescer sobre os tumulos a malva rasca com suas flores de purpura e abrótea com sua longa haste guardada de bellas flores brancas e amarellas. E' o que prova esta inscripção gravada sobre um tumulo antigo: No exterior sou cercado de malvas e abróteas, no interior não sou senão um cadaver. Encontram-se espalhados em diversos pontos dous generos d'arvores funerarias e ambos com os caracteres oppostos. As primeiras genero deixam pender até ao chão os seus longos e amudados braços e veem-se fluctuar á mercê dos ven-

tantos e tão eventosos annos, concluíam que o movimento revolucionario, «regenerador, «constitucional, «liberal, ou como lhe queiram chamar, era uma operacão ou maquinação DOS PROTESTANTES E JUDEUS. A maior parte dos leitores, e provavelmente a mim mesmo, pareceu então estrambotica semelhante opinão; e creio que o dito folheto passou por assim dizer, despercebido então, e reputado a creação de um cerebro visionario! Quão longe estava eu n'esse tempo de pensar, que para mim havia de vir em que as proposições de F. J. da Madre de Deus, quaes mencionei haviam de ser não só críveis, mas certas e demonstráveis! Para mim hoje, não tem a minima duvida que todas as revoluções no espirito da Franca do seculo ultimo, são filhas da Franca do seculo actual, e a Reformaçãõ Alemã — avô portanto de suas numerosas netas, que actualmente florecem por toda a Europa.

Não caberia n'um artigo de jornal o traçar minudamente a genealogia revolucionaria desde Luthero e mais apóstolos da revolução fundamental; baste apontar, que a Reformaçãõ foi mãe da Philosophia (com z) — que significa — amor das trevas, da confusão, da desordem, — que teve por missionarios Voltaire e Companhia. Estes abriram os fundamentos do edificio social em Franca (e por influencia d'esta n'outros paizes), apontando e exaltando as instituições Inglesas como a organisação politica modelo, como a resoluçãõ do grande problema social — qual é o melhor governo? (problema que não admite resoluçãõ absoluta). O proprio Montesquieu, com sua presumpçãõ de saber alguma cousa, e parecer que sabia muito, da Constituiçãõ de Inglaterra, contribuiu tambem grandemente para a politica idolatra das instituições e sistema de governo Ingleses. E este grande auctor — que o é — caiu no erro geral, de crer que o systema e governo Ingles actual, é cousa fixa, permanente, normal; quando, em verdade, não é mais que um facto transitorio, provisório filho de circunstancias mui peculiares, que tem durado e durarão provavelmente, ainda algum tempo, mas difficilmente aturarão assim, mesmo até ao fim d'este seculo.

A posiçãõ insular da Inglaterra é uma successãõ de guerras e disputas no Continente, culminando pela grande revolução Franca, fizeram que este paiz fosse enriquecendo, aperfeiçoando suas fabricas, estendendo e tornando cada vez mais lucrativas suas manufacturas e seu commercio; atraindo assim para aqui a maior parte do ouro e prata das minas do Brazil e da America Hispanhola, d'onde principalmente se suppriu desde meados do seculo XVII; a Europa dos meaos preciosos.

Eisahi as verdadeiras causas do poder, e grandeza, e actual influencia da Inglaterra; como já tinham sido, mutatis mutandis e analogamente, as da riqueza, influencia e grandeza de Tyro, de Carthago, de Veneza, e ultima, ou antes, penultimamente da nossa Peninsula, e n'esta especialmente do nosso Portugal, até fim do segundo terço do seculo XVI.

O attribuir, pois, como fazem os superficialissimos liberangos, o poder, grandeza, e riqueza da Gran-Bretanha a suas instituições monstruosas, e sophisticas, e provisórias, é um erro e um engano, como são pela maior parte suas doutrinas balofas, e chõcho palavreado.

Uma cousa é contudo mui singular, e como geralmente, não só o Liberangismo, mas até gente que não padece d'essa ridicula enfermidade, tem deixado de advertir na verdadeira natureza e objecto do affinco e perseverança com que a Inglaterra, e sua imprensa, inculcam de continuo, e promovem por quantos meios podem, bons e maus, a introduçãõ em outros paizes das instituições Inglesas! E todavia, mui pouca reflexãõ se precisa para ver, que se a Inglaterra entendesse levar com isso outras nações á riqueza, prosperidade, e poder que ella propria desfruta, bem se guardaria de tanto inculcar-lhes o recipe de constituições e instituições á Inglesã. Inculca e recommenda isso, porque sabe que, em vez de produzir saude, solidez, união e grandeza n'outras nações, é n'ellas um dissolvente pernicioso, que as debilita, que as define, que as desmoralisa, dividindo-as em facções confligentes e rivaes.

E' cousa evidentissima, que se duas forças desiguales se oppõem uma á outra, uma, digamos, com poder de 4 e outra de tres, o que resta de força positiva é 1; porque os outros 6 se destroem mutuamente. Assim, pois, a força de uma nação, de um povo, que podia ser = 7 (igual a 7), fica pelo processo Ingles, = 1. Eisahi como a Inglaterra, com suas perdas maquinações para constitutionalisar (a seu modo) toda a Europa (menos a Russia por ora, e a Prussia de Bismark), tem reduzido a mais nobre parte do mundo á impotencia comparativa politicamente, pela divisãõ interna; e no mesmo tempo todos os estados a ilotes seus e reñdeiros, pelas dividas que lhes tem feito incorrer, para pagar-lhe annualmente sommas immensas em juros de emprestimos. Por este andar, e visto que quasi cada semana lemos nas folhas publicas: «A Turquia, a Italia, a His-

panha etc, fizeram mais tantos milhões esterlinos de emprestimo em Londres», em breves audiencias a renda de todos os estados virá parar á Inglaterra; e em quanto n'ella se tributará o ar que respirem e a agua que bebam. E viva o constitutionalismo á Inglesa, e a liberdade liberanga, que virtualmente vae mettendo todas as nações que a adoptam debaixo dos pés da Inglaterra!

Mas falta-lhe ainda uma cousa para ultimar o seu triumpho e poder, então, gabar-se de ter domado todo o mundo, politica, financeira, e moralmente, falta-lhe o poder dizer — que a isso aspira: — «Tambem o domino espiritalmente, e lhe dicto a fé negativa que deve professar, isto é que o estado nenhum tenha» — pois onde se dá liberdade a que cada um creia e professe aquillo só que individualmente lhe agrade, cessa de haver fé ou religiãõ commum; e até essa Igreja nacional se torna uma anomalia, sem mais auctoridade que a de qualquer individuo. E comtudo é curioso ver com que affinco a Inglaterra se empenha em substituir, por todos os meios possiveis, justos ou injustos, honrosos ou deshonrosos, essa sua religiãõ, por toda a parte, á Religiãõ Catholica.

Está o segredo d'isso no mesmo principio e maxima do divide et impera, que se attribue aos Romanos. Enfraquecer as outras nações dividindo-as em partidos confligentes e oppostos, tanto em principios politicos como religiosos. Ora, é claro, que o Catholicismo na religiãõ e na moral, e a monarchia verdadeira na politica, tem por base a unidade, tendem a ella; por isso a Inglaterra faz ás duas a guerra que pôde, com o seu dissolvente Protestantismo e com o seu constitutionalismo falso; fazendo de um e outro aliados mutuos, que vão de mãos dadas, tratando cada um conforme as circunstancias, de abrir ao outro a porta, segundo qual dos dois entron primeiro em qualquer paiz.

O antidoto, pois, contra este pernicioso machivelismo, está, primeiro que tudo, no excitar, activar, aperfeiçoar, vigorar a unidade Catholica; cerrarem os Catholicos de todo o mundo, se é possivel, as ruas fileiras, e apoiarem-se, e darem-se as mãos uns aos outros. Dois grandes factos e muito esperancosos em tal sentido se acabam de dar, que deverão servir de exemplo e de estímulo á communhãõ Catholica — A grande Peregrinaçãõ que ha dias teve lugar, d'aqui, d'Irlanda, de Escocia, etc. a Puray-le-Monial, capitaneada e presidida por varios Bispos, e varias das primeiras personagens de Inglaterra; e outro facto, de não menor significancia, que vou fielmente copiar e traduzir do «Times» de 17 do corrente. São bem sabidas as medidas anti-catholicas de Bismark no novo Imperio Germanico, e como ali os nossos Bispos e Clero se tem portado firmes contra a perseguiçãõ; lê-se a tal respeito o seguinte, qual se lê no jornal Ingles tão rancorosamente anti-catholico: —

CLERIGOS ALLEMÃES E AMERICANOS

Berlim 16 de setembro.

«Os clerigos Catholicos dos estados de Alabama, California, Connecticut, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas, Kentucky, Louisiana, Maryland, Michigan, Minnesota, Missouri, Nebraska, New Hampshire, New Jersey, New York, Ohio, Oregon, Pensilvania, Tennessee, Texas, West Virginia, e Wisconsin mandaram uma adresse aos Padres Catholicos do Imperio Germanico, approvando-lhes sua actuação na luta com o governo. — Os papéis ultramarinos da Germania publicam o texto da adresse: — Eisahi, pois, um admiravel exemplo que nos vem da Grande Republica da America do Norte, e que deveria ser seguido — como provavelmente o será pelo Clero Catholico de alguns outros paizes, e como deveria sel-o pelo nosso Clero e pelo de Hispanha e de Franca — o que ficaria muito bem aos representantes ecclesiasticos das nações oitubroras Fidelissimas, Catholica, e Christianissimas.

A. R. Saraiva.

A' adreção do «Direito».

Londres, 4 de outubro de 1873.

Leio no «Times» de hon. os seguintes paragraphos:

«Paris, 2 de outubro: — O Duque de Nemours partiu esta manhã para Frosdorf. Rosa-se que o Conde de Chambord sahirá de Frosdorf no dia 4 para Genebra.

«A «Ordre» d'esta noite afirma, que o Manifesto do partido Republicano fóra expedido hontem de Paris, e apparecerá brevemente nos papéis das provincias.

«O «Monde» diz: — Se o Principe Imperial fosse bem aconselhado, seguiria o exemplo dos Principes d'Orleães, contribuiria assim á unidade nacional, ao mesmo tempo que repararia os erros desastrosos commettidos por seu pae.

«Nega-se um rumor de que vae apparecer um folheto de M. Guizot sobre a Fui-

Eisahi o primeiro telegrama no «Times». Todo o homem de razão e bom senso se regosijará do que se annuncia no primeiro paragrapho, vindo n'isso um regresso da familia d'Orleães e de seus numerosos partidarios aquillo que é o mais essencial em toda nação ajuzada, e que dezeit prosperar — a unidade nacional ou social.

Se a verdade evidente e até matematicamente demonstravel, e que só a tolice ou a má fé possam contradizer, nenhuma o é mais que a sentença divina pronunciada por S. Lucas — Omne regnum in se divisum desolabitur — «Todo o reino dividido em partidos arruinar-se-ha». Julguese, pois, da fatuidade da gente que adopta e estabelece em regra o systema, como fazem os nossos despreziveis Liberangos, á imitação de outros que taes cá por fóra, que é precisa nos Estados e Palatios uma opposição systematica, isto é, que haja nas taes forças politicas a que os ridiculos plagiaristas chamam, muito inchados «Parlamentos», um certo numero que diga a tudo, mesmo a qualquer asneira, que sim, por gorda que seja, e outro bando que por força diga que não, ainda ao mais evidente acerto!

Logo depois da minha chegada a Inglaterra, em 1829, assistindo eu a um jantar onde se achavam varias notabilidades, em casa do celebre Doutor Arnott, que ainda vive (o auctor de varias invenções muito uteis e engenhosas em physica, medicina, etc., e de varias obras excellentes de instrucção popular), encontrei-me á meza junto de um sujeito, por nome Mr. Guppy, se bem me recordo. Era pouco mais ou menos da minha idade, parecia assaz contente de si, e sem duvida tendo-se por homem de não pequeno alcance politico. Começando a conversar comigo, e tocando-se em sistemas de governo, e elle já se sabe como bom Ingles, exaltando o do seu paiz, disse-lhe eu: que admirava, sem duvida muitas das instituições Inglesas; mas não podia reconciliar-me com a ideia de opposição arregimentada e systematica, onde um certo numero de homens tinham por força que dizer não quando outros dissessem sim (ou vice-versa), fosse qual fosse a razão do caso. O homem limitou-se a responder-me n'uma especie de extase de admiracão, que era uma cousa admiravel, a mais util e excellente; eu porém dezeitava d'isso uma demonstracão. Mas, ainda que elle podesse dar-me, em hypothese, boas razões para a utilidade de tal systema n'um paiz eminentemente excepcional como é a Inglaterra a muitissimos respeito, nunca poderia provar-me, que a cousa, em geral, e applicada normalmente a todos paizes, climas, e raças de homens, não fosse uma solemne baseira. A demonstracão d'isto é clara: — Os direitos da razão, da verdade, e da justiça estão acima de tudo; e quanto fór contra elles ha de por força ser asneira, falsidade, injustiça. Non potest idem simul esse et non esse — «Não pôde qualquer cousa ser e não ser ao mesmo tempo». São tão certas estas demonstrações como a de qualquer proposição de Euclides. E se não comparem esta doutrina com os fructos da contraria que os Degeneradores lá metteram e tem praticado ha 40 annos — divisão, dividas, desmoralisação, desordem, degradação do caracter nacional, destruição dos monumentos que enobreciam o paiz, desprezo por nós no estrangeiro, insignificancia completa. Eis fructibus eorum cognoscetis eos — «As suas obras os caracterizam».

Deve pois causar legitima satisfacão em Franca á todo o homem sensato a concordia das duas familias Reaes, e a visita a Frosdorf do Duque de Nemours é mais uma prova da sinceridade da reconciliação, da qual os inimigos da Franca ainda affectam duvidar, e que é olhada com maos olhos pelos Ingleses á excepção dos catholicos. Um d'esses maiores inimigos é o «Times», que antes queria ver entregar de novo Paris aos communistas, que ver a Franca retomar a influencia e a auctoridade na Europa que por todos os titulos lhe pertence. E sabem porque? porque o Protestantismo, que tolamente bate as palmas, eré que com a ladroeira de Roma, o Catholicismo vae de cabeça abaixo; e que elle Protestantismo (o Ingles) não tardará em tomar o lugar, que o catholicismo Romano occupa ha tantos seculos, e assim a Inglaterra será cabeça do mundo moral!

Já vê que a imprensa protestante Inglesa sympathisa inteiramente com as vistas dos Republicanos Francezes, e com todas as que prometam fazer opposição á restauração da monarchia.

Thiers, que em tempo de Luiz Philippe quando esteve a ponto de rebentar a guerra com a Franca, por causa dos neles, é hoje um grande grito aqui; porque se conta que elle se desmentiu para continuar em melhor insolvucão; e assim debilitar, ao mesmo tempo, uma antiga rival politica, e pallemo braço que se receia venha a levantar-se para despistar o eobarde pontapé que a miseravel Italia revolucionaria atirou á mesma Franca quando a viu prostrada!

Mas bem sabe o gato cujas barbas lambe: mesmo prostrada como se achava a nação Christianissima na occasião do infame attentado da Porta Pia, se em vez de um Bonaparte ou de um Thiers estivesse um Bourbon á frente do governo Francaez, a canalha Italiana se não atrevera a seu desacato de ha' tres annos. Veja-se como os usurpadores de Roma agora continuam confessando as grandes obrigações que deviam á caricatura napoleonica de Chislehurst! Mas veja-se tambem como, Sedan, Alsacia e Lorena vieram vingar as perdas praticadas na Italia, e pagar com pesado juro as dividas de Magenta e Solferino —

Engana-se o que imagina Que a Providencia adormece, E que mais tarde ou mais cedo, Não pague a quem lho merece.

O que com muito senso diz o «Monde», que seria de aconselhar ao Filho de Napoleão, o ir elle tambem render homenagem ao verdadeiro direito, era cousa que lhe daria na historia maior nome, do que, provavelmente lhe darão jámais outros factos da sua vida. Com isso poderia elle, mesmo em sua curta idade, e sem n'isso incorrer perigo, trabalhos, ou responsabilidades, render á Franca, e por meio d'esta á Europa, um eminente serviço; pondo fim a um elemento de divergencia, e assim consolidando mais e mais o poder da sua patria, e o respeito d'ella no mundo. A mocidade é bastante susceptivel de impulsos generosos, e se o rapaz estivesse n'outra parte, e talvez só com sua Mãe, de quem se referem rectos sentimentos e tendencias algumas vezes, poderia o dezeit do «Monde» adquirir uma sombra de romanescas possibilidades. Esta porém desaparece, desde que se reflecte, que o Principe em casa se acha rodeado de influencias esquerdas, e que esperam que elle possa ainda chegar a servir de escada por onde ellas subam a posições arduas; porque associado como está com Ingleses na escola de Wolwich, ali se terá bom cuidado de cultivar n'elles sentimentos e propensões que contribuam a manter em Franca a divisãõ e com isso o menor pezo e força da nação Francaez.

A. R. Saraiva.

Pio IX e o rei de Italia

Sua Santidade recebeu no dia 3 no Vaticano nma deputação catholica de Civita-Vecchia, a qual fez um discurso, lamentando as amarguras que lhe causa a oppressão de que é victima a Igreja nos diferentes paizes.

O procedimento de alguns governos do Norte foi principalmente o objecto das queixas do Summo Pontifice. E como ha de ser indifferente vendo que a auctoridade civil se arroga attribuições episcopaes, persegue os bons sacerdotes e faz alarde em recompensar os maos? O Papa disse tambem que se compadecia do governo italiano, occupado em prohibir as perigrinações sob pretexto de hygiene e de salubridade publica, e auctorizando ao mesmo tempo reuniões theatraes, perigosas para a moral. Isto porém explica-se notando-se que o governo italiano imita o procedimento de todos os governos inimigos da Igreja.

A saude de Sua Santidade é excellente, o que lhe permite dar audiencias todos os dias.

Diz-se que Victor Manuel assignou os decretos relativos á reorganisação do exercito nas circumscripções militares, e para certas attencões do ministerio da guerra. Por outra parte o ministro da marinha expoz em um conselho os seus planos sobre a armada italiana, e o gabinete comprehendeu-os perfectamente.

O tempo dos jubramos á viagem de Victor Manuel vae já passando. Os diarios de Roma já não celebram os seus satisfatorios resultados.

Victor Manuel foi infeliz na sua viagem, até em Berlin soffreu alguns dissabores taes como: a ausencia dos embaixadores de Franca, Austria, Inglaterra e Russia; a ordem do rei da Baviera á sua familia para que se não apresentasse na corte da Prussia enquanto alli estivesse o rei da Italia; o não ter vindo a Berlin nenhuma dos membros das familias reinantes da Alemanha; a ausencia da imperatriz Augusta, e do presidente do ministerio prussiano; conde Roon, e finalmente a presença do general Manteuffel inimigo declarado da Italia e de todos os revolucionarios.

O programma da restauração monarchica em Franca

Apesar de serem secretos os trabalhos das commissões sobre a restauração da monarchia em Franca, no entanto alguns jornaes de primeira notabilidade tem deixado entrever algumas circunstancias hespeito da proclamação da monarchia Varã.

dar conhecimento do que en-

contramos no «Times» e na «Liberté», reservando para futuro a verdadeira applicação dos acontecimentos.

O «Times» diz que o plano definitivamente assentado para o restabelecimento da monarchia é o seguinte:

«Nos fins d'outubro o conde de Chambord, ou da Belgica ou da Suissa publicará um manifesto ao povo Francaez, á imitação do celebre manifesto que de Saint-Quen deu Luiz XVIII. A 5 de novembro se reune a assembléa; no dia 6 se elege o presidente que continuará sendo Mr. Buffet, ainda que ha quem queira eleger Thiers, e no dia 7 apresentará o duque Audifret-Pasquier uma proposta que devem assignar 350 deputados, isto é, a maioria, já compromettidos a isso, pedindo o restabelecimento da monarchia hereditaria e nacional.

Este ultimo termo implica a bandeira tricolor enlaçada com a fita branca e as flores de liz, bem como uma constituição liberal.

Admittida a moção, a assembléa declara em sessão permanente para tal a no menor espaço de tempo possivel, e Mac-Mahon é nomeado logar-tenente geral do reino para manter a ordem publica.

Depois será eleita uma commissão que se dirigirá aonde estiver o rei para offerecer-lhe a coroa. O rei irá a Versalhes, nomeará seus ministros, e estes, d'accordo com a commissão constitutional da Assembléa, apresentar-lhe-ão a nova Constituição, a lei eleitoral, e a organisação do Senado votada e jurada. Henrique V entrará em Paris, ainda que sua residencia permanente por agora e em quando se reedificarem as Tulherias será Versalhes.

A «Liberté» diz que os chefes do partido orleanista offerecem o seguinte programma como norma do que hão de seguir na questão monarchica:

«O conde de Chambord adoptará bandeira tricolor, e, no caso que manifeste absoluta repugnancia em abandonar a sua, um certo numero de monarchicos propoium um compromisso n'estes termos:

«O rei conservaria a bandeira tricolor tendo um laço branco com flores de Na parte onde está figurado o gallo e aguia imperial, segundo as circunstancias se porá uma placa do genero das que adornavam as aguias romanas nas que havia as seguintes letras S. P. Q. R. Esta placa de forma elyptica levaria lemma: Dieu protège la France.

Todos os documentos relativos á restauração do poder real começarão assim: Em virtude de um commun accord entre o rei e a nação, etc.

Por outra parte, a Assembléa votará a Constituição e o rei aceitará, com o que se porá termo ás polemicas relativas á carta outorgada e á carta consentida. A assembléa antes de dissolver-se votará as leis municipal, eleitoral e de imprensa.»

A perseguição ao Catholicismo na Alemanha

E' profundamente dolorosa a situação dos catholicos da Alemanha.

O principe de ferro continua exercendo sobre os direitos e liberdade da Igreja a mais despotica tyrannia.

Eis o que a este respeito nos diz o sabio Chantrel nos seus «Annaes Catholicos»:

«Na Alemanha prosegue a guerra começada contra o Catholicismo. De todas as partes da Prussia chegam as novas mais dolorosas, e ao mesmo tempo, mais consoladoras, por causa da coragem que por toda a parte mostram os bispos, os padres e os simples fieis.

O sr. bispo de Fulda acaba de ser prevenido de que lhe será descontado em seu mingauidissimo ordenado uma somma de 4.000 thalers, multa em que foi condemnado por haver nomeado um parcho, sem se ouvir na nomeação com as leis ecclesiasticas.

O administrador da diocese de Trirar-go, cuja jurisdicção na Prussia se estende sobre o Hohenzollern, acaba de ser condemnado a 600 thalers de multa por violação das mesmas leis.

O Landrath de Treves acaba de prevenir todos os funcionarios do districto de que os d'entre elles que, contra o terminado, se filiarem na associação dos catholicos allemães serão multados em 500 thalers a pagar dentro de quinze dias, em dez, se presistirem em serem membros da dita associação.

Em Posen o conselho municipal da cidade, onde dominam os protestantes, judeus e os allemães liberaes, determinou que as escolas não tivessem d'ora avante caracter algum religioso, e que, por conseguinte, as creanças não continuassem ser conduzidas á igreja por seus mestres ao mesmo tempo foi prohibido ás creanças ausentar-se da escola para irem a igreja nos dias de festa que o são somente por devoção.

Ora, no dia 8 de setembro, cerca

cincoenta creanças foram levadas por seus pais á igreja de Santa Margarida, onde o arcebispo officia e pregava.

No dia seguinte, esses cincoenta alumnos foram todos castigados pelo director, alguns corporalmente.

Na Alsacia estão ameaçados os seminarios; na diocese de Posen, Mons. Lechowski viu-se obrigado a fechar seu seminario superior, para impedir que o fosse violentamente pela auctoridade civil, que ameaçava fechalo, caso o Prelado se conformasse com as leis ecclesiasticas.

Já tive, escreve em 17 de setembro o governador, este corajoso prelado, de explicar os motivos que me inibem de obedecer e mandar obedecer a essas leis, e não vejo necessidade de expôr de novo estes motivos: porque meu proceder se baseia sobre as leis de Deus e da Igreja que não mudam com os principios variaveis do espirito do tempo; meu proceder é inspirado por essas leis que obrigarão hoje como hontem e como obrigarão amanhã.

Limite-me a enviar-vos um protesto solemne contra esta nova violencia feita á Igreja catholica em minhas duas dioceses de Gnesen e Posen ás minhas ovelhas e a mim mesmo, e reserve-me a mim e a meus diocesanos o direito de exigir a reparação da illegalidade e injustiça que acabamos de soffrer.

Mas como tanto nós, como nenhum christão, devemos recorrer á violencia contra as medidas do governo, apesar de nos acharmos feridos em nossos direitos mais sagrados, declaro que não reabrirei depois das ferias meu seminario superior de Posen, esperando que Deus, que sustentará sempre com seu braço omnipotente a igreja opprimida, abreviará em sua misericordia a duração d'estes dias de prova.

O futuro está nas mãos de Deus e a causa da Igreja é a causa de Deus.

Eis porque eu, cheio de confiança, entrego nas mãos do Todo Poderoso a causa do meu seminario, escola de seus futuros ministros.

O clero das dioceses de Posen e de Gnesen agrupa-se com uma invencivel consistencia em derredor do intrepido arcebispo. O cabido da diocese de Posen acaba de lhe entregar uma mensagem que lhe é penhor da inabalavel dedicacão de todo o seu clero. Até hoje ha apenas uma excepção; a do padre Schroter, encarregado do ensino religioso no lyceu de Posen, que assignou a mensagem Ratibor, não quiz retirar sua assignatura. Diz-se que em recompensa foi promettido a este apostata o logar de conselheiro da regencia: mereceu-a bem!

O bispo velho-catholico Reinkens, que para Bismark e para Lutz, o ministro dos cultos, que é o alter-ego do chancelier da Baviera, vae, segundo se diz, receber um ordenado de 75:000 fr. (cerca de 12:000\$000 reis) sobre um credito de 225:000 thalers, cedidos ao ministerio dos cultos para melhorar a situação dos padres, ministros e professores indigentes. É muito justo que o apostata viva á custa dos que perseveraram fieis!...

Diz-se, todavia, que o rei da Baviera não está disposto a seguir por este caminho seu ministro dos cultos.

O episcopado bavaro, porém, prepara-se para resistir ao mal com energia.

Acaba de celebrar-se em Echstaedt uma conferencia episcopal. Reuniram-se alli sob a presidencia do arcebispo de Munich os bispos de Spira, d'Augsburgo, de Wurzburg, de Ratisbona e dois conegos que representavam o arcebispo de Bamberg e o bispo de Passau.

Julgase que os prelados se occuparam das ordens religiosas, dos ataques dirigidos pelo ministro dos cultos aos seminarios inferiores (seminarios onde os alumnos se preparam com os estudos necessarios para entrar nos superiores ou de theologia) aos Redemptoristas e aos direitos da Igreja relativamente á inspecção das escolas.

O resultado d'esta conferencia que durou tres dias será provavelmente um memorandum collectivo dirigido ao governo bavaro.

A respeito do julgamento do marechal Bazaine.

Tem sido aviada de diversos modos a questão do processo do referido marechal, e tão diferentes são os commentarios que tivemos de nos encostar á auctorizada pena do immortal Luiz Veuillot para não errarmos ou não ficarmos em absoluto silencio.

Eis aqui o que este distinctissimo escriptor escriptor escreveu na vespera do julgamento:

« Amanhã começa o processo do marechal Bazaine. Todos os jornaes darão conta do que se passar, como já principia a fazer. No meio de tudo quanto disserem uns e outros, a verdade não poderá apurar-se bem. Já ella foi bem maltratada pela maior parte dos livros que se tem escripto sobre o assumpto cujos auctores se mostraram em geral apaixonados

e ignorantes. A opinião da gente sensata e illustrada deveria ter despresado estas obras, nas quaes o espirito de partido, a precipitação e a especulação tomaram tão grande parte. Mas infelizmente não succede assim. Essa opinião recebeu-as com uma anxiedade que lhe fez pouca honra, e mostra-se disposta a condemnar um accusado que ainda não foi ouvido. Cumpre-nos, pela nossa parte, protestar contra um movimento tão contrario á dignidade do nosso paiz. Nós não nos apressamos em lançar ás gemonias a fama d'um marechal de França, e fazemos grandes votos para que se encontre um innocente onde parece haver dezoito de encontrar-se um culpado.

Até o dia funesto da capitulação de Metz, o marechal Bazaine teve a carreira militar mais laboriosa e mais digna de respeito. Essa carreira é de 40 annos, e tem-se encontrado sempre em logares de grandes trabalhos e perigos.

Foi capitão n'aquella celebre guarnição de Miliana em Africa, que, para assim dizer morreu toda. De 1:200 homens que alli havia morreram 800 dentro de oito mezes: metade dos restantes ficaram pelo caminho, quando regressavam a França, e, d'esta metade, foram ainda quasi todos acabar nos hospitaes, sendo Bazaine um dos dez ou doze que alfim sobreviveram.

Ficou em Argel até obter o posto de coronel: fez as rudes campanhas da Crimeia e do Mexico; depois de capitular em Metz soffreu o captivo da Alemanha, e depois do captivo da Alemanha vae em dezoito mezes de prisão preventiva, em vista de uma accusação capital, sendo que, durante esta prisão, ha passado por torturas que lhe terão causado saudades dos supplicios de Miliana. Tudo isto deve bastar para que as pessoas honradas e imparciaes esperem que elle seja convencido de culpa para o julgar digno de morte.

Ninguém ignora o que contra elle se tem dito; o acto d'accusação vae resumir tudo com mais auctoridade: mas depois do acto d'accusação, ha inda um homem para ser ouvido: esse homem é o proprio réo.

Por certo que alguma coisa ha de elle ter que dizer.

Quanto a nós, até o presente, seu silencio, cheio de dignidade, falla mais alto que a multidão de seus accusadores.

Devemos a correspondente de Pariz o resumo completo da acta de accusação contra o general Bazaine, que no dia 10 de outubro acabou de ler-se no conselho de guerra reunido em Versalhes.

Tem 900 paginas, e a impressão que produz é muito contraria ao accusado. São grandes as accusações, e não se limitam á de incapacidade para deter os allemães depois de suas primeiras victorias.

Quando em principios d'agosto Bazaine commanda só tres corpos d'exercito, suas rivalidades com o general Frossard são já a causa de que a acção de Forbach, a primeira da guerra, em logar de uma victoria se torne uma derrota, que, unida á maior que na mesma occasião soffria MacMahon iniciam a funesta campanha do Rheno. Nomeado a 12 general em chefe, detem-se no desfiladeiro do Mosella, apesar dos instantes dezoito de Napoleão. Da batalha de Gravelotte, a sua melhor acção de guerra, não tira as vantagens que pôde apressando a retirada sobre Chalons. Na de San Privat a falta de sua direcção e sua ausencia do theatro principal do combate, fazem succumbir depois de heroicos esforços a Canrobert, a quem Bourbaki desejava ir auxiliar com a guarda.

Depois d'esta batalha, como se quizesa separar sua causa da de Napoleão, a quem vê perdido, enquanto diz que vae seguir-o a Verdun, mostra o proposito de tomar Metz por centro de operação de um exercito que ainda conta 200:000 homens.

A mais grave das accusações e de cujo esclarecimento vae depender a sentença do conselho é a declaracão do marechal Leval, que affirmo ter recebido o marechal e lido em sua presença a 23 d'agosto um telegramma escripto n'um papel de cigarro e levado com risco de vida por um guarda de bosques, no qual o imperador lhe annunciava o movimento de MacMahon sobre Montmedy para socorrer-o, ainda á custa de abandonar Pariz. Bazaine que devia sair a seu encontro para impedir que em Sedan 300:000 allemães o cercassem, sustenta não haver recebido este aviso até 27 d'agosto. Porém parece provado que já a 26 teve velleidades de sair ao encontro de MacMahon; e de todos os modos, quando em 1 de setembro lhe era perfectamente conhecida a marcha das tropas, que para salvá-o iam sacrificar a França e o imperio, não fez o supremo esforço que d'elle devia esperar-se para romper as linhas inimigas.

Caido o imperio e encorrado já em Metz, em vez de pelear com vigor, entrega-se ao desalento e aos calculos: negocia com Bismark por meio do mysterioso personagem Regnier, que toma o falso titulo de enviado da imperatriz, faz conhecer ao acampamento as tristes novas que chegam de toda a França e que desmoralizam os soldados, capitula e acaba por entregar ao principe Frederico Carlos um exercito de 179:000 homens com a

primeira fortaleza da França, nos mesmos dias em que as tropas do Loire, commandadas por Aurelles de Paladines ganham importantes vantagens, e talvez permittiam esperar o levantamento do cerco de Pariz cuja rendição era, pelo contrario inevitavel deade o momento em que os duzentos mil allemães de Metz podiam vir em auxilio do imperador Guilherme. Tal é a accusação. Daremos a seu tempo noticia da defeza e das principaes revelações das testemunhas.

N'outra parte da carta, alludindo ao processo de Bazaine, diz o referido correspondente:

« A excitação que produz este processo, talvez o primeiro formado a um marechal da França, pois Dupont, o vencido de Bailen, era apenas tenente general, é immensa, e, quanto á importancia que se lhe liga, tem dominado por vezes a agitação causada pela lucta entre os defensores e adversarios da monarchia.

Só tres sentenças são possiveis: a pena capital, a absolvição, ou a degradação, á qual Bazaine declarou que não sobreviveria. Embora muitos receiem a primeira, a opinião mais geral é a da absolvição, para a qual o favorecem os tres annos que háo passado, e até as perspectivas do futuro reinado, que não havia de começar pela decapitação d'um marechal do imperio como succedeu com Ney durante a primeira restauração. De todos os modos parece que ha empenho em que o processo se ache concluido para antes da reunião da assembleia.

A republica divina

Apostolo infatigavel das liberdades e direitos da Igreja Catholica, Mgr. Manning, arcebispo de Westminster, traçou com intelligencia, saber e illustração o quadro da republica sem Deus.

O seu discurso sobre este assumpto é obra-prima do seu genio e profundos conhecimentos. Não podemos furtar-nos á sua publicação.

Eil-o:

« Compadeço-me d'esta multidão, pois me acompanha, perseverante, ha tres dias; sei que nada tem que comer e não a quero despedir em jejum com receio de irem desfallecer pelo caminho. » (S. Math. XV. 32.)

Não é nunca sem pesar, que dirijo o meu espirito para algum objecto differente das divinas e interiores verdades, necessarias á nossa salvacão. Mas por um lado os numerosos erros d'este tempo e por outro a crescente audacia dos contradictorios da Fé de N. S. Jesus Christo, dos que levantam o seu braço contra a divina auctoridade de Sua Igreja, forçamos a interromper a simples tarefa de evangelisadores para testemunhar em favor das grandes leis e dos grandes factos, que determinam a marcha d'este mundo.

Hoje, domingo do Santo Rosario, celebramos uma grande festa de Nossa Mãe Bemdicta e Immaculada, a commemoração das victorias, que seu Divino Filho, por sua intercessão, concedeu em favor de sua Igreja, e que todos os annos aviva a memoria da guerra implacavel do mundo contra o Vigario de Jesus Christo. E eis como n'estes ultimos tempos, anno por anno, esta festa se acha assignalada por algum grande acto de hostilidade contra a Santa Sé e eu porque tambem todos os annos me tenho proposto fallar-vos d'estes acontecimentos.

N'este agora é, que eu não poderia calar.

Os que hajam observado, n'estes ultimos vinte annos as diversas fazes da Revolução, não se espantaram, nem deram lugar a desconfiança, vendo os adversarios da Santa Sé, todos os dias mais audaciosos e, na opinião do mundo, sempre mais triumphantes.

Nós sabemos muito bem, que, postos uma vez em movimento os falsos principios, tem elles de percorrer a inevitavel carreira de todo seu circulo. Assim, nós dizem tornarem as tempestades do Oceano em volta do seu eixo, nem se dispersarem sem terem percorrido a sua orbita. O mesmo succede ás emprezas humanas contra a Igreja de Deus. Por isso o 20 de setembro de 1870 (1), que encheu e fez trasbordar na Italia a medida da revolução anti-christã, nem nos espantou, nem nos alarmou. Não vemos ahi senão o ultimo acto de uma insolente usurpação contra a Igreja de Deus.

No entretanto todos os dias somos investidos por vozes festivas dos cantores da queda simultanea do poder temporal e espirital do Vigario de Jesus Christo; todos os dias nos ensurdecem os ouvidos as suas exultações. D'aqui a possibilidade de serdes em um certo grau não abalados, mas entristecidos, talvez estupefactos e desanimados em face de uma apparente queda de tudo, quanto reverenciaes, como sagrado.

Por isso é dever nosso, para vos le-

(1) Entrada de Roma pelas horas da Revolução. (N. da R.)

vantar a coragem, ordenar-vos que não temais, mostrando-vos, que a tormenta de hoje não é senão uma nova sezão das incessantes tempestades, desencadeadas contra a Santa Sé, um accesso, que passará como passaram tantos outros.

O domingo do Santo Rosario, bem o sabeis, recorda-nos a grande batalha de Lepanto. Então a potencia mahometana, que ameaçava soffocar o Christianismo, foi de um golpe abatida e tão completamente dispersada, que, desde esse dia, cessou de ser uma causa de terror. O anno de 1871 traz-nos o terceiro centenario d'esta grande victoria, ganha em 1571, sob o pontificado de S. Pio V.

Mas, como eu já disse, esse mesmo dia viu levantar-se uma outra potencia anti-christã e a muitos respeitoes para nós mais formidavel ainda.

O anti-christo mahometano era, em relação ao Christianismo, um inimigo externo e as nações christãs estavam então unidas. Hoje pelo contrario o anti-christo move-se no interior do mundo christão e as nações christãs estão, ó dó! tão profundamente divididas que não pôdem accordar-se para uma accão commum.

Tem sido bem observado, que tal foi outrora a força do anti-christo mahometano, que nem toda a cavallaria christã, formada em cruzada o pôde repellir; em quanto hoje é tal sua fraqueza, que bastaria para o destruir uma só potencia christã, se a rivalidade das outras não ameaçasse com a sua intervenção.

¿ E qual é o novo anti-christo surgido em nossos dias? O anti-christo dos apostatas christãos, o da revolução anti-social, o anti-christo dos homens sem Deus. A proxima batalha será, por um lado entre Deus e a sociedade, por outro entre o atheismo e a anarchia. O anti-christo d'agora é o anti-christo da infidelidade e da desordem.

Ora para me guiar em meu discurso, tomei, por não serem politicas, as palavras do meu texto. Mas essas palavras do nosso Divino Senhor contem por excellencia a vida e o espirito de toda verdadeira politica christão: — « Compadeço-me d'esta multidão » O pensamento do Divino Mestre abrange a multidão do seu povo. A sua compaixão tinha por objecto não classes, nem distincções de homens mas a multidão toda. Havendo incarnado pelo genero humano, ligara-se intimamente ao genero humano pela mais terna, mais amante sympathia humana. Compadecia-se de sua fraqueza, de sua sede, de sua fome. Essa multidão, que o acompanhava, havia tres dias, nada tinha, que comer. E elle não quiz despedil-a em jejum, com receio não desfallecesse no caminho e a fim de a poder saciar operou um milagre.

Aqui temos pois o verdadeiro exemplo do rei christão, as verdadeiras leis, que devem governar as nações christãs — caridade, compaixão, sympathia, sentimentos, de fraternidade e parallelamente equidade, justiça, misericordia. Recentemente tratei de explicações segundo minhas forças, os fundamentos do mundo christão e a distincção das duas sociedades, fundadas por Deus. Devo pois admitir que tereis presentes esses principios.

Acrescentarei sómente o ponto seguinte: Deus, auctor da sociedade civil e politica do mundo, não lhe determinou nenhuma sorte de constituição. São portanto possiveis — imperio, monarchia, republica, democracia, qual regime quizerdes, só com a condição de ter por base a lei natural, a vida de Deus. Mas á sociedade sobre-natural de mundo, isto é, á sua Igreja, deu Elle uma constituição tão precisa, tão determinada, tão inflexivel, que ninguem sem peccado, pôde infringil-a em um só ponto. Deus enthronizou sobre a terra o seu Vigario, investindo-o da plenitude de sua auctoridade communicavel. Sob este instituiu o Episcopado para vigiar e governar no mundo inteiro o seu rebanho. Esta constituição divina é tão precisa, tão inflexivel, que ninguem a pôde violar sem cessar de ser christão catholico.

Entretanto, pois, a Igreja de Deus nas condições do Estado civil do mundo, pôde contractar relações de paz e de amizade com todo governo, qualquer que seja a sua forma. A Santa Sé reconhece sem hesitação e abertamente, em todas as partes do mundo, qualquer que seja a sua constituição, todo governo verdadeiro e regular. Desviae pois de vosso espirito para sempre a idéa de que a Igreja pôde achar-se comprometida ou embaraçada, ligando relações com qualquer forma de governo politico.

Se agora me embrenhasse em uma questão d'este genero, tornar-se-ia politico o meu discurso com quebra de minha promessa. Deixo pois este assumpto para tratar principalmente de religião, de industria, de educação e de moral, isto é dos elementos sociaes, sem os quaes não pôdem subsistir os Estados. Ora para elucidar esta materia, farei tres quadros — o primeiro representará o Estado judaico; o segundo o Estado christão; o terceiro o Estado fóra do Christianismo.

(Continúa).

Um delicto nos principes nunca vem só, mas cercado de centos d'outros mais ou menos insignes. Henrique, assassino do Papa por participação, era tambem assassino dos povos. A Saxonia primeiro, e depois os senhores principaes allemães mandaram accusal-o á Santa Sé de infinitas maldades, e de infinitas desgraças feitas á Allemanha, e pedir-lhe, como a tutora do imperio, que procurasse para o imperio um chefe digno de tanta honra. As accusações repetiram-se em varios synodos romanos, e provadas pelos accusadores com documentos irrefragaveis. E eis o Papa obrigado pelo seu dever a arrostar o poder de Henrique, por ser este oppressor da Igreja, e dos povos que governava. Com relação á traição urdida, o Papa contentou-se com escrever-lhe uma carta particular, em que fazendo sobresair a maldade do delicto, o reprehendia severamente, e recordando-lhe a sua sacrilega ingerencia nas cousas da Igreja, o advertia, que se não se corrigisse acarretaria sobre si gravissimos males. Tendo elle desprezado esta carta, e sendo de mais sobrecarregado por tantas accusações, o Papa procedeu ávante. Reunido um Synodo em Roma, e ouvidos de novo os delictos de Henrique, foi decidido que o Papa enviase legados á Allemanha para intimar-lhe que comparecesse em Roma para se desculpar das accusações que lhe faziam os Saxonios, com ameaça da excommunhão, se não obedecesse.

Citado por tal modo Henrique, deu em furias. Expulso os legados, convocou um synodo em Vormazia, com o fim de ahi fazer condemnar o Papa. Os Bispos e os Clerigos impregnados do mal simoniaco e da incontinenencia, apresentaram-se em grande numero, e ouvinda a leitura de um libello infamante contra Gregorio pela bocca de Hugo Candido, Cardeal excommungado, condemnaram o Santo Pontífice á deposição. Tendo Henrique convidado os Bispos simoniacos da Lombardia a seguirem este exemplo, não se demoraram a fazel-o n'um conciliabulo em Pavia. Os Romanos foram tambem sollicitados a tal excesso pelo mesmo Henrique por cartas infames e de grande empenho; mas de balde. Gregorio tendo ouvido a noticia congregou um Concilio de cento e dez Bispos no Vaticano, e lida a carta insolentissima em que Henrique lhe intimava a deposição, foi unanimemente pronunciada a sentença de excommunhão e interdito do governo do Estado contra Henrique e prohibidos todos os povos e senhores de lhe obedecerem como a rei. Depois excommungados nomeadamente os seus malignos conselheiros e lautores, que tinham dignidade ecclesiastica, e declarado scismatico o clero lombardo seu adherente, expediu cartas aos principaes e aos povos, nas quaes dando conta da grave sentença, allegava as razões principaes d'ella. Assim respondeu elle ás iras do septentrião, que tentava opprimir a sua fortaleza.

Deus quiz n'esta occasião fazer vér que a palavra do seu Vigario não cae em vão sobre seus inimigos. Guilherme, arcebispo de Utrecht, no dia solemne de Paschoa, brincando com a excommunhão no pulpito, pouco depois dilacerado de dores agudissimas morreu desenganado, gritando que estava condemnado. O Bispo de Misnia morreu partindo a cabeça, Eppone de Ceitz affogado; Gozzelone apunhalado, e Henrique de Spira de um ataque apoplectico. Muitos senhores separaram-se de Henrique; muitos Bispos e Abbades tambem arrependidos pediram perdão ao Papa por cartas ou pessoalmente em habito de penitentes. Os Saxonios sublevando-se d'improviso sacudiram o jugo de Henrique, os Suecos seguiram-os, e em pouco tempo o alvivo rei viu-se abandonado de todos. Intimou dietas e ninguem lhe respondeu, fez largas promessas aos descontentes, mas todos as desprezaram. No entretanto passava o anno da excommunhão, e se elle não fosse antes d'esse prazo desligado d'ella, entedia-se segundo as leis da nação deposto do throno, e então os principes allemães fariam certamente nova eleição. Pelo que sentindo-se abatido d'espirito, pensou em apresentar-se pessoalmente ao Papa e implorar misericordia. Mas fechando-lhe os seus amigos a passagem dos Alpes, e faltando-lhe dinheiro, teve de procural-a em apparencia pouco mais que de um homem particular, pelo lado de Suza, mulher de Odone de Moriena, e d'alli seguiu direito para o castello de Canossa. E eis alli o orgulhoso que poucos mezes antes, confiado no poder d'um imperio, insultava villamente e ameaçava impiamente o Papa, por tres dias e tres noites descalço, mal vestido, sob um ceo rigidissimo, a pedir ao mesmo Papa paz e perdão. Terrivel exemplo aos novos insultadores do Vigario de Jesus Christo, e conforto aos fieis catholicos n'estes dias de provação, vendo quanto é facil a Deus perder em poucas horas e humilhar os mais poderosos do seculo! Os tempos estão mudados, é verdade, mas com omnipotencia do braço divino não mudou em cousa alguma, nem mudará.

Seis dias depois faltou Henrique ás promessas feitas para alcançar ser desligado da excomunhão. Animado pelos mais perversos excomungados, armou trações ao Papa: tendo-lhe fallado o golpe, tornou a chamar á corte os mais perdidos conselheiros já despedidos, sublevoou a Lombardia, e voltou a hostilizar a Santa Sé peor que antes. Neste meio tempo foi convocada em Forcheim uma dieta pelos senhores allemães, e recusando-se elle a comparecer, foi solemnemente declarada a sua decadencia do throno e eleito em seu lugar Rodolpho de Suécia. Dirigiu-se de novo para o Papa pedindo-lhe que decidisse entre elle e Rodolpho em um Concilio Romano. Celebrou-se este no começo de 1078: as duas partes expozeram alli as suas razões, e a sentença final foi devoluta a uma assemblea de senhores allemães, á qual o Papa mandaria os seus Legados.

Entretanto cada vez mais augmentavam os perigos na Italia. Na Lombardia o partido dos excomungados tornava-se cada dia mais atrevido contra o Papa. Santo Anselmo, Bispo de Lucca, escapou dos seus furores com grande risco de vida, e as forças da Condessa Mathilde não bastavam a conter a furia dos rebeldes. No meio dia da Italia os Normandos assaltavam, arrazavam as terras da Igreja e levavam a desolação até junto dos muros de Roma; e na Alemanha, tendo engrassado outra vez o partido de Henrique já tomava as armas contra o de Rodolpho. Gregório teria podido melhorar a sua condição, se de novo tivesse fulminado a excomunhão contra Henrique, ao que muitos o estimulavam. As forças que se agrupavam novamente ao lado do rei desligado da excomunhão ter-se-hiam dissolvido de novo, e Rodolpho, vencendo facilmente o adversario, teria descido á Italia em defeza do Pontífice. Mas Gregório não era homem que medisse as razões da justiça com os olhos do interesse. Procedia d'outra forma: pelo que escrevia: «Nós tememos a Deus, e por Elle somos perseguidos todos os dias; desprezamos os tormentos, não attendemos a promessas porque tememos um Juiz e esperamos um consolador e um remunerador só em Deus.» Pelo que não obstante os apertos a que pouco a pouco se via reduzido, não obstante as continuas perversidades de Henrique, não obstante os suffragios de diversos concilios romanos e as queixas do partido de Rodolpho, não pronunciou a dura sentença senão depois de ter tentado todos os caminhos dictados pela equidade e pela mais sabia moderação. Não tendo porém surtido estes effeitos algum, no dia 7 de Março de 1080, excomungou de novo a Henrique, e declarou-o despojado de toda a dignidade soberana, e desligados os subditos do imperio do dever de obediencia, confirmou a eleição de Rodolpho.

Do lado do Papa estavam os homens mais illustres; do de Henrique sómente a phalange dos simoniacos, que o estimulavam até ao furor. O Papa tinha de posto Henrique, e Henrique quiz depôr o Papa. Para tal fim intimou um conciliabulo de Bispos em Mogúncia. Só dezoito osuaram ali comparecer para commetter tão impio attentado. Envergonhando-se o rei e os conselheiros de numero tão escasso, convocou outro conciliabulo em Brixen, aonde attrahiriam com mais facilidade os Prelados da Alemanha e da Italia. Compareceram trinta, todos a flor dos simoniacos e de outra mancha ainda peor, e tiveram o arrojo de depôr o Papa e de eleger em seu lugar a Guiberto, arcebispo de Ravenna, com uma linguagem e um estilo de discursos e de decretos tal como o costuma empregar a raiva liberalisera e o velho catholicismo contra o novo Gregório do Vaticano. A fortuna parece sorrir a estes impios simoniacos. Na Alemanha tendo vindo ás mãos Henrique e Rodolpho, este ultimo ficou morto no campo ainda que victorioso: na Italia as tropas da Condessa Mathilde foram completamente derrotadas pelas armas lombardas perto de Mantua. D'aqui resultou acrescimo de força e de audacia da parte de Henrique, e abatimento e recios da parte dos adversarios. O noção que ficou firme foi Gregorio, que aos muitos, que em vista do mau aspecto das coisas o exhortavam a reconciliar-se com Henrique, que cheio de ousadia tinha entrado em Italia, respondeu renovando-lhe a excomunhão no oitavo synodo que celebrou em Roma em 1081, e mandando para Alemanha a formula do juramento que devia dar o novo rei que se elegesse.

No entretanto Henrique aproximando-se de Roma com o anti-papa, tentou duas vezes apoderar-se d'ella, e outras tantas foi repellido com vergonha pelo valor dos Romanos. Voltando sobre Roma em 1083, e não confiando nas armas, voltou-se para a astucia, que foi pedir elle proprio a conciliação ao Papa por

meio de pessoas piedosas e de boa reputação, e juntamente proceur trazer a si os Romanos por dinheiro e largas promessas. Apertado Gregorio e rogado para que se rendesse á conciliação pedida, nenhuma outra palavra safu de sua bocca senão esta: Satisfaca Henrique a Deus e á Igreja, d'outra maneira non possumus. Recorreu-se então ao expediente de um concilio. Henrique aceitou a proposta promettendo amplas garantias de salvo-conduetos para os Bispos, que lá quizessem ir, e em vista d'esta promessa tambem o Papa consentia n'elle. Mas tendo Henrique ganho uma boa parte dos Romanos e alguns nobres, e tendo por isso na mão a victoria, sem embargo das garantias prendeu todos os Bispos que lhe approveu. Não obstante isto abriu-se o Concilio, e o Papa excomungou todos aquelles, que tinham tomado parte em tão criminoso attentado, e expediu uma Encyclica a todos os fieis repassada de sentimentos dignos de um Papa santo e de um martyr generoso. Agradece-lhes as orações, e a compaixão que tem d'elle; deseja uma só coisa a conversão dos impios, exhorta com ardentes expressões a sustentar a causa de Deus e da sua Igreja, a arrostar por ella os trabalhos, os riscos e a morte, sendo o combate e o soffrimento o caminho da gloria e da victoria para o christão. O affecto, o zelo, a generosidade, a fortaleza de animo, de Gregorio resplendem desde o principio até o fim d'esta carta, que elle escreveu estando abandonado, desamparado, sem socorro humano e quasi a ponto de ser sitiado no castello de Santo Angelo por um rei seu furioso perseguidor. Voigt protestante, admirado, não pôde deixar de escrever: «Quando um homem lançado no tumulto do mundo, exposto aos vaivenes da fortuna, perseguido por povos e reis, combatido com intrepidez; e forte na sua consciencia, e firme na esperanza, que Deus lhe poz no coração, está tranquillo no meio do terror geral, na hora em que todo o universo se despenha contra elle, e persegue e completa a sua obra, não é sómente um homem, é um prodigio.»

No entretanto Henrique quando julgava ter em seu poder o Papa não teve vergonha de fugir. Por quanto, sabendo que Roberto Guiscardo se aproximava, e persuadido de que podia fazer-lhe frente, partiu para a Lombardia, abandonando os romanos seduzidos aos golpes do seu novo inimigo. Gregorio recuperou a liberdade, e indo para Salerno, alli morreu proferindo estas memoraveis palavras: *Amei a justiça e odiei a iniquidade, e por isso morro no desterro.* Mas não acabou com elle a sua obra; pelo contrario medrou e amadureceu diante dos olhos do seu perseguidor, que tendo vivido até o anno de 1106 viu os seus lombardos derrotados e arrependidos, expulso de Roma o seu anti-papa, rebellados contra si os seus filhos, destrogados ou mortos uns após outros todos os seus amigos, e a si proprio viu-se reduzido a morrer privado de todas as honras em Liege. Toda a christandade exultou com a noticia da sua morte, porque viu n'elle extinto um archipirata, um heresiarcha, um apostata, um perseguidor das almas ainda mais que dos corpos, concedida por Deus á sua Igreja uma esplendida victoria, e mudado em jubilo de liberdade e de alegria o quinquagesimo anno das extorsões do novo Nabuchodonosor. Tal foi o fim do Papa perseguido, tal o do rei perseguidor.

Correspondencia particular
Como não tenho lido ha tempos, correspondencia alguma relativamente a esta Villa, eis um motivo que me collocou na necessidade de recorrer á imprensa a fim de expor algumas noticias.

No dia 14 foi accommettido d'uma congestão cerebral, o probo e intelligente secretario de administração, o ex.º sr. Antonio de Abreu e Mello, o qual ainda se acha de cama, mas com esperanças de prompto restabelecimento.

Terminou por este anno a concorrência dos banhos thermaes, que existem extra-muros d'esta Villa, sendo diminuta aos annos anteriores, consequencia esta da pouca limpeza e desvelo, em que se acham, pelo que a ex.ª camara deveria vigiar e attender mais com estabelecimentos de tal ordem.

O sympathico joven Luiz Augusto Rebello da Silva, que aqui se achava de visita em casa de sua extremosa mãe, partiu na semana passada para Pinhel, onde vae continuar com sua clinica.

Tem recolhido n'estes ultimos dias algumas familias que se achavam a fazer uso de banhos do mar na pittoresca praia de Ancora.

Até breve.
Monção 19 de Outubro de 1873.
Noticias de Hispanha.
De diversas folhas, Hispanholas:
— Da Correspondencia: «Em Cuenca

tomaram-se as mais energicas disposições para rechaçar a facção Santés.
— Cucala, Sierra, Morea, e Guier, com Pinto de Onda, e suas partidas, parece que se reúnem em Onda. Em Nules havia hontem outra partida. A facção Vallés parece que se dirigia para Caspe.
— O chefe carlista Vallés, com 2 mil infantés e cento e cincoenta cavallos, entrou em Caspe, segundo telegramma hoje recebido.

Caspe é uma das mais importantes povoações das provincias aragonesas accrescenta a Reconquista.
Do mesmo periodico são as seguintes: Dizia-se hoje que os carlistas preparam um desembarque d'Alcanta por um dos portos immediatos a Alicante ou Valencia.

D. Carlos com 19 batalhões achá-se em Estella. Quatro d'estes batalhões commandados por Cabacilha Radica occupavam as posições entre Cirauqui e Mañeru.
— Uma partida de 500 homens atecou a povoação, de Mayals, na provincia de Lerida.

Nas visinhanças d'Estella tem os carlistas quatro canhões, sendo dous d'elles d'aço. Os outros dous são de montanha.
— Uma partida queimou a estação do caminho de ferro de Alcanadre, levando o chefe.

Da Monção, Castellon, levaram os carlistas 12 cavallos e varias armas.
— Dizem de Malaga que na serra de Ronda está a partida de D. Nemesio Cortina.

Do «Debate» d'Albacete:
«Carlistas pela direita, carlistas pela esquerda e carlistas pelo centro; o momento não pode ser mais opportuno para exclusivismos, não já de partidos, nem sequer de fracções, mas de pessoas.»
— Continuem, confinem com a sua elevada politica os que na provincia iniciaram a actual, que D. Carlos não deixará d'agradecer-lhes.

Em Valverde esteve uma partida de 2 mil homens e em seguida appareceu outra de 3 mil.

As partidas de Marco, Clavero, Seco, Arnau e Sierra marcharam para Cantavieja a fim de fazer entre si repartição das armas e organisar-se debaixo da protecção da partida Vallés.

Em Madrid, numa casa da rua da Madeira, foi descoberto um armazem de armas.
— Percorrem as visinhanças de Saragoça varias partidas carlistas, e por consequencia não faltam ali receios.

Presentes carlistas entraram ha dias em Sos, no Aragoão, dirigindo-se a Carcellillo.
— Em Alfonteguilla entrou uma partida de 700 homens, levando 25 cavallos, além d'uma contribuição.

A «Epocha» diz saber que os carlistas esperam receber brevemente 11 peças d'artilleria e 7 mil carabinas, que estão para desembarcar brevemente em um ponto da Hispanha.
— Do «Imparcial» d'hoje: No Baztan, e lugar denominado «La Alcarrita» estabeleceram os carlistas uma «Real fabrica de calçados», onde 80 sapateiros trabalhavam sem descanso com destino á facção.

Diz o «Diario de S. Sebastião» que os carlistas querem fazer um «supremo efforço», e para isso fizeram um novo chamamento obrigando ao serviço das armas todos os comprehendidos na idade de 18 a 40 annos, solteiros e casados, sem distincção de nenhum genero, medida que se começou a pôr em pratica em Vergara e outros pontos occupados por elles, levando a todos os moços do paiz.

Na provincia de Lerida ha na actividade quatro facções carlistas.
— Em Sagunto foi hontem cortada a via ferrea por uma partida carlista. Isto rele-o o «Imparcial» de 17.

SECÇÃO NOTICIOSA

Suffragios.— Realizou-se como tinham annunciado, a Missa pelo ex.º sr. Manoel de Magalhães, na igreja do Hospital.

Foi grande a concorrência de fieis. O templo estava cheio de pessoas illustradas e respeitaveis cavalheiros. Viu-se mais uma vez o quanto é respeitado o homem de probidade, character e lealdade. Legitimistas e liberaes, todos irmãos, oravam pelo seu irmão e amigo sem conhecer ante as aras do Deus vivo classes, distincções ou cores politicos.

Bem haja o cavalheiro que ao illustre finado tributou a ultima homenagem de sua amizade!
Bem hajam todos os amigos que se não esqueceram de quem nunca d'elles se tinha esquecido.

No dia 24 pelas 9 horas da manhã na igreja dos Congregados, tenciona a redacção do «Futuro» mandar celebrar uma missa por alma do ex.º sr. Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel. Convidam-se todos os amigos do finado a que assistam a este acto religioso, como a maior prova de af-

fecto e gratidão para com o illustre finado. Todos sem distincção de cor politica, devendo ao cavalheiro probo e leal o tributo de saudade e a homenagem do reconhecimento.
A todos, pois, é dirigido o convite e de todos se espera acolhimento o qual não passará desapercibido em nossas columnas do seguinte numero.

No Céu.— Recebemos um precioso livrinho cuja doutrina é edificante. Tem por titulo: *No Céu nos reconheceremos.* São cartas de consolação escriptas pelo R. P. Blotap.

As numerosas edicções que d'este livrinho se tem tirado provam a sua utilidade. Está traduzido pelo rev.º Francisco Soares da Cunha.

Aconselhamol-o ás pessoas piedosas como verdadeiro conforto no meio de suas tribulações.

Noticias de Heubach.— (Da Nação) Recebemos noticias de Heubach de 4 do corrente.

A Família Real Portugarza tinha ido alli assistir ao baptisado de uma filha dos Principes de Leowensheio. A baptisada recebeu os nomes de Maria Anna Carolina Luiza Isabel. Foram padrinhos S. S. A. A. S. S. os Principes de Isemburgo.

Tanto a Princesinha como Sua Augusta Mãe vão bem, graças a Deus.
Da Família Real Portugueza, tambem podemos dar as melhores noticias: todos gozam perfeita saude.

Associação Catholica.— Em cumprimento do artigo 40.º dos estatutos d'esta Associação, no qual se diz que em 1.ª sexta-feira posterior á commemoração dos fieis defuntos, haverá em todos os povos onde exista a Associação uma Missa com communhão geral voluntaria pelo descanso eterno dos socios fallecidos, no dia 7 de Novembro, pelas 9 horas da manhã, na igreja do Carmo celebrar-se-ha uma missa de requiem a que devem assistir todos os socios.

Em virtude do Rescripto Apostolico, ultimamente dirigido á Associação Catholica do Porto, é concedida a indulgencia plenaria a todos os socios d'um e d'outro sexo, confessados e commungados que visitarem uma igreja designada pelo Ordinario no dia acima dicto, com facultade de aggregar a si uma qualquer associação do mesmo Instituto e fim.

Com este intuito já se fez a petição á do Porto, cuja resposta affirmativa se espera por estes dias: e por isso se assentou em meza que, na noite, vespera do dia 7, estariam alguns red.ºs ecclesiasticos na casa da Associação para ouvirem de confissão aquelles socios que quizerem aproveitar-se d'esta graça, assim como na manhã do mesmo dia 7 haverá tambem confessores na dita igreja do Carmo para o mesmo fim.

Jacintho Loyson e os velhos catholicos.— Sabem os nossos leitores que o governo da cantão de Genebra promulgou uma lei pela qual se attribue a facultade de nomear os parochos segundo a elleição dos parochianos. Esta lei vae pôr-se em pratica.

Em uma reunião popular, á qual assistiram muitos velhos catholicos, como era de supôr, deliberou-se acerca dos candidatos que deviam designar-se. Achando-se á mão o padre Jacintho não cabiam muitas vacillações. Assim succedeu effectivamente. Haviam tres igrejas vagas e foram designadas, para a primeira o sr. Loyson, e respectivamente o coego Houtrault e o abade Chavard.

A obra ficou coroada nomeando aos membros que hão de formar a junta de parochia, segundo a nova lei. Assim entendem os suissos a liberdade a respeito dos catholicos.—«Palavras»

Portugal antigo e moderno— Sabido o fasciculo d'esta importantissima publicação. O sr. Pinho Leal não só tem cumprido a promessa do seu programma mas até o tem exaustivamente excedido. Não podemos deixar de tributar honra ao illustre escriptor já pelos seus valiosos serviços ás letras patrias já pelas suas judiciosas opiniões na critica historica.

Óxala que os portuguezes correspondam com prompto acolhimento ao trabalho do auctor.

Este dicionario além de ser o mais completo é o mais bem escripto que possuímos.

Ninguém se pôde dispensar de ter uma collecção de tão importantes como variadissimas noticias sobre geographia, estatistica, corographia, etc., etc.

Livros condemnados.— A congregação do Indico condemnou os seguintes livros:
O destino da alma, por N. Orsin.
Os jesuitas e a republica de Veneca, por Giuseppe Ceppelletti.
A Igreja livre e não livre nas suas relações com a escravatura, (alemão), por Buckwann.
A sciencia nova e a nova fé, (alemão), por Frahschammer.
A ordem dos jesuitas, (alemão) por Zuber e os Estudos Theologicos pelo mesmo auctor.

Brados d'alma: Breves dissertações sobre assumptos de Religião, philosophia e litteratura. Sobre esta brilhante publicação do nosso particular amigo, o ex.º dr. Custodio Velloso, escreve uma das mais notaveis penas do journalismo religioso da Europa o sr. Sousa Monteiro, redactor do «Bem Publico»:

É um livro onde se manifestam condensadas as vivas crenças, a sciencia e o talento do sr. dr. Custodio Velloso, que tão bellas paginas escreveu na *Civilização* de Coimbra, de que ainda nos lembramos com saudade. Apenas o folheamos; e comto o que vimos e o que sabemos já, auctorisa-nos a recommendal-o a quantos folgiam de ver um estilo apurador, o muita sciencia philosophica postos ao serviço da Verdade da doutrina Catholica.

Havemos de tel-o, e mais d'espaco daremos aos nossos leitores conta das impressões que recebermos de sua leitura, expondo então o nosso juizo com verdadeiro reconhecimento de causa.

ANNUNCIOS

SAUDE A TODOS por meio da deliciosa farinha salutar a *Revaleciere du Barry* de Londres. (Vendida actualmente tostada, não necessita mais que um ou dois minutos de cozimento.)

Julgamos obsequiar os nossos leitores, chamado a sua attenção para as propriedades curativas da deliciosa *Revaleciere du Barry*, de Londres, a qual economisa mil vezes o seu preço n'outros remedios. Cura ella radicalmente as mais digestões (dispepsias), gastritis, gastralgias, estremitamentos habituaes, hemorroides, flatos, ventos, diarrheia, pituitas, enchaqueca, náuseas, vomitos depois de comer e durante a preber, azelumes, câimbras, espasmos e inflammações de estomago e dos rins, todas as alterações do fígado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, hexiga e bexiga, insomnias, tosse, oppresses, asthmas, catharro, tísica (consumpção), herpes, constipações, febre, irritação de nervos, nevralgia, vicio e pobreza de sangue, côes palidas, suppressões, catharro-chronico, e febre amarella.—73.000 curas, comprehendidas n'ellas a de S. S. o Papa, o Duque de Pluskow, da sr.ª marquesa de Bréhan, etc., etc.

Barry du Barry & Co., Place Vendôme, 26, Paris.— Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 réis; 1 kil. 1.500 réis; 2 1/2 kil. 3.500 réis; 6 kil. 6.500 réis; 12 kil. 12.500 réis.

Recomendamos igualmente a *Revaleciere chocolatada* em pó (premiada por S. M. a rainha de Inglaterra.)

Fínissimo alimento, sumamente substancial, que fortifica o estomago, os nervos, e as carnes, sem causar dôres de cabeça nem febre, nem nenhum dos demais inconvenientes produzidos pelos chocolates usualmente empregados. Em pó, em caixas de 12 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas 800 réis; de 48 chavenas 1.500 réis; de 120 chavenas 3.500 réis, ou 25 réis por chavena.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chiãos, Pipa e Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira e Irmão, pharm., 77 rua da Banharia, Viava Desiré Rahir, rua de Ceifeira 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Lóys 36.—Vianna do Castello, Alfonso, Jroguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizen, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povea do Varzim, P. Machado

«Os botanicos, droguistas, merceeiros, etc. das provincias, podem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central, Srs. Serzedillo & C.º Largo do Corpo 16, Lisboa.» Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.º, rua Duque de Caxias.

(A)

Maria Gracinda da L. T. Marinho Falcão de Vasconcellos, Angelica de Vasconcellos, Jeronymo Pimentel e Augusto Pimentel extremamente penhorados pelas provas de consideração que receberam de todas as pessoas que lhes prestaram serviços por occasião do incendio na manhã de 9 do corrente, e que por esse motivo os cumprimentaram, a todas agradecerem tantas finezas e protestam a sua gratidão.

(b-134)

OS DIFFAMADORES DO CLERO CATHOLICO
Preço 200 rs.

A venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardon, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1873

1 Lib. VI, ep. 1.
2 Libbe T. X, pag. 381.